

# LITERATURA NA PERSPECTIVA DE OLHARES COMPARATISTAS

Joseane Maia Santos Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo a descrição do campo teórico da literatura comparada, numa abordagem da natureza, do objeto e método que lhes caracterizam, levando em conta referenciais bibliográficos de autores estrangeiros, bem como de autores brasileiros. Para tanto, analisa-se termos como influência, dependência, sistema literário, situando-os, inclusive, no contexto latino-americano, incluindo o Brasil, a partir dos estudos de Antonio Candido, Angel Rama e Ana Pizarro que redimensionaram a relação cultura e literatura conferindo-lhe novos contornos ao extrapolar a dimensão estética da obra literária, razão porque esse campo do conhecimento abre amplas possibilidades para a pesquisa literária, numa perspectiva integradora, ao desvelar questões políticas e ideológicas que lhe são subjacentes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Influência. Estudos comparados.

## Breve histórico da literatura comparada

Para fazer uma descrição do campo teórico dos estudos comparados é de supor que definição, natureza, objeto e método sejam apresentados em seus contornos de tal modo a indicar algumas respostas (não definitivas) para uma pergunta aparentemente simples: o que é literatura comparada?

Embora o hábito de comparar remonte aos antigos, consta que a literatura comparada surgiu, no século XIX, quando comparar estruturas ou fenômenos, para chegar às leis gerais, caracterizava o pensamento investigativo das ciências naturais. Nesse contexto foram oferecidos cursos e realizados estudos, na França, sendo destaques as atuações de Noel e Laplace (1816), de A belFrançois Villemain (1828), de J. J. Ampère (1930) e Philarète Chasles (1935).

Firmando-se na França, embora largamente usada na Europa, foi pela apresentação da literatura comparada como disciplina<sup>2</sup>, assim como pela distinção entre literatura comparada e literatura geral que o francês Paul Van

---

<sup>1</sup> Professora Adjunto III do Departamento de Letras do CESC/UEMA. E-mail: josi.maia.silva@gmail.com

<sup>2</sup> Ministrada por Joseph Texte (Lyon, 1887); Fernand Baldensperger e Jean-Marie Carré (Sorbonne, 1910); Arthur Richard Marsh (Harvard, 1890) dentre outros.

Tieghem, em 1931, a caracterizou como especial na medida em que teria como objeto “a pesquisa e a análise das influências sofridas e exercidas” pelas literaturas nas suas inter-relações.

Reforço didático partiu de Marius-François Guyard, em 1951, sob a concepção de literatura comparada como sinônimo de história das relações literárias internacionais, ao apresentar orientações teóricas e metodológicas, para verificar como livros, homens, gêneros, temas, autores, fontes, influências podem revelar um país. Os passos descritos como um roteiro indiscutível, numa aparente objetividade, revelam a crença de que pela adoção do que ele chamou de “equipamento”, “domínio” do comparatista era possível colocar os fatos literários examinados no devido lugar.

No estudo comparatista, o termo “influência”, ao evocar significados como dependência, crédito, débito, causalidade, foi tão questionado que deu origem a uma crise, denunciada em 1958, por René Wellek, configurando o conhecido embate entre as tradições francesa e americana. Para esse autor, a artificialidade da distinção entre literatura comparada e literatura geral e o método da explicação causal entre literaturas comprometia a verdadeira crítica visto esta significar:

[...] uma preocupação com valores e qualidades, com uma compreensão de textos que incorpora sua historicidade, e assim necessita da história da crítica para tal compreensão e, finalmente, significa uma perspectiva internacional que contemple um ideal distante de história e erudição literária universal. A literatura comparada por certo deseja superar preconceitos e provincianismos nacionais, mas disso não resulta ignorar ou minimizar a existência e a vitalidade das diferentes tradições nacionais (WELLEK, 1994, p.143-144)

Na linha da crítica à abordagem evolucionista, Cláudio Guillén, em 1959, dá um enfoque diferenciado à idéia de influência na medida em que, para esse autor, os estudiosos até então procuravam causas literárias em vez de causas humanas, portanto, a partir de reflexões sobre criação artística – fruto do movimento entre uma espécie de realidade para outra realidade nova, *sui generis* –, ele atribui à influência “forças” externas capazes de impulsionar o processo criativo que, por outro lado, as transcende. Embora seus efeitos possam cessar ou desaparecer na criação, o autor a define como “uma parte reconhecível e significativa da gênese de uma obra de arte literária”, e cujos fatos, interpretados globalmente e a posteriori,

podem formar amplos padrões de difusão, sucesso ou fortuna à luz do método genético (GUILLÈN, 1994, p.170).

Quando Henry H. H. Remark inclui, em 1961, na definição de literatura comparada, o estudo das relações entre literatura, de um lado, e, por outro, diferentes áreas do conhecimento, suscita novas críticas, revelando oposições entre as escolas francesa e americana com relação aos métodos e ao campo de estudo, de modo que vários outros autores manifestam-se ora a favor de uma tendência, ora contra, sempre tendo subjacentes as seguintes questões: ampliação, limite, coincidências com a história e crítica literárias.

O comparatista francês, René Etiemble (1994), por exemplo, na esteira do pensamento de Wellek, em 1963, não somente criticou o vazio do comparatismo sob a ótica da influência, como reivindica um lugar para as outras literaturas, proposta essa de descentralização que revela caráter eminentemente político. Ele propôs a combinação dos métodos históricos e críticos considerados incompatíveis e defendeu a análise dos textos em si ao invés de questões periféricas, através do método da indução que revelaria invariantes- formadoras de uma unidade caracterizadora da obra em sua totalidade. Entretanto, segundo NITRINI (2000), a abstração teórica com que expôs suas idéias, pulverizou o objeto de suas reflexões – a obra de arte literária – tornando impossíveis sugestões metodológicas para um estudo concreto no viés comparatista. A partir de 1967, as querelas que provocaram o embate entre franceses e americanos ganharam ingredientes novos, graças às pesquisas levada a termo no Leste europeu, de orientação marxista. Uma contribuição importante coube a Victor M. Zhirmunsky ao colocar-se contrário à distinção entre literatura universal e literatura comparada, tornando-se o porta-voz de críticas acerca dos estudos sobre influências literárias ignorarem a personalidade criativa do autor, a ligação da obra com o contexto social, sua historicidade, sem, no entanto, deixar de considerá-las factuais, pois segundo ele cada literatura desenvolveu seu caráter nacional na interação constante com outras literaturas.

Além das críticas, o citado autor destacou-se, também, por considerar a comparação como princípio fundamental da pesquisa literária, através da qual, a similaridade e a diferença, que concorrem para a particularidade dos objetos comparados, são revelados em sua compreensão histórica. Para tanto, distinguindo

analogias tipológicas de influências literárias, tendo como princípio basilar a noção de unidade e regularidade no processo evolutivo social da humanidade, faz três importantes observações sobre influência literária: não sendo mecânica, a influência caracteriza-se como fato social histórico condicionado; envolve reinterpretação do modelo, adaptação ao contexto, às novas relações temporais/espaciais, à tradição vigente e ao universo individual do autor; como categoria histórica, varia de intensidade e de qualidade (ZHIRMUNSK, 1994).

Sob a influência dos estudos de Marius-François Guyard, os autores Claude Pichois e André-Michel Rousseau, em 1967, na obra *La littérature comparée*, analisam que, ao tratar das relações literárias, a literatura comparada aborda história, psicologia, sociologia e a estética, bem como utiliza uma variedade de métodos, causando hesitações consideradas origens do mal-estar que cerca as discussões sobre objeto e método. Isso posto, propõem uma conciliação entre as correntes francesa e americana, defendendo como única justificativa para o comparatismo, o estudo da literatura em sua totalidade, como podemos constatar na definição que segue:

Literatura comparada: descrição analítica, comparação metódica e diferencial, interpretação sintética dos fenômenos literários interlinguísticos ou interculturais, pela história, pela crítica e pela filosofia, a fim de melhor compreender a Literatura como função específica do espírito humano (PICHOS; ROUSSEAU, 1994 p.218).

Decorridos trinta anos de labor científico à luz do paradigma comparatista, o debate continuou em torno das questões que sempre deram o tom da crise como: quais seriam o objeto, o método e os limites da literatura comparada, sendo nesse contexto que a obra *Comparatisme et théorie de la littérature*, de Adrian Marino, em 1988, nega o legado do franceses (historicismo) e demonstra insatisfação para com o legado americano (criticismo), uma vez que, em sua opinião, nenhum deles resolve os limites desse campo de estudo, para tanto propõe uma teoria inserida na perspectiva hermenêutica. Segundo Nitrini (2000), à luz da renovação do conceito de literatura, da associação do comparatismo com o estudo da literatura universal e da recuperação da totalidade da obra, Marino toma o termo „invariante” como parâmetro, significando a descrição redutora e esquemática da obra literária

para revelar sua essência de tal modo que, sem negar os elementos variáveis, aflorassem identidades e similaridades constituintes da realidade total da obra. Assim, partindo do legado de Etiemble, Marino elabora um sistema teórico considerado coerente, sem contudo, por fim ao impasse de questões antigas que alimentam o debate sobre a natureza da literatura comparada.

Ainda para a citada autora, Dionys Durisin também marcou os anos 80, ao apresentar a teoria tipológica comparatista considerada consistente cujos pressupostos foram: o importante papel da literatura receptora no processo de continuidade interliterária, das classificações tipológicas como dado condicionador das semelhanças, a inclusão da literatura comparada na história literária e reintegração do conceito de literatura mundial como conjuntos de obras conectadas de todas as literaturas nacionais.

Assim sendo, Nitrini (2000) afirma que, para o mencionado autor, o objetivo da literatura comparada era:

[...] a compreensão da essência tipológica e genética do fenômeno literário, vale dizer, de seus constituintes estéticos, finalidades, autores, escolas literárias, gêneros, estilos etc., tanto quanto a revelação de leis internas que caracterizam o fenômeno literário como um fenômeno concreto da História e ao mesmo tempo como um fenômeno geral, sem se considerar sua história específica (NITRINI, 2000, p. 90).

Carvalho (2006) lembra, ainda, de que ao apresentar a distinção entre as semelhanças (por contatos genéticos e por solidariedade tipológica) Durisin, de certo modo, desloca o sentido tradicional de influência e centra o interesse nas relações entre os textos, sem contudo avançar para a questão das diferenças que caracterizam a obra literária.

É também da mesma década, a obra *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, de Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux cujo ponto de partida - o “conhecimento do estrangeiro” – considerado por ambos uma questão prévia, de fundamental importância para a tomada de consciência de uma identidade nacional e cultural, serve de base pedagógica para o campo de estudo comparatista. Considerando o princípio dialógico, frequentemente desigual, entre as culturas, registram eles que o esforço do estudioso desse campo é:

[...] o de não separar a actividade intelectual, a escrita, em suma, o texto, por mais singular que seja esta prática, do contexto cultural e sociopolítico, sem o qual a análise literária desseca e degenera em crítica pseudo-

intelectual, em exercício de estilo, em dogmatismo linguístico (MACHADO; PAGEAUX, 1988, p. 21).

Vem dessa obra, importante colaboração para pesquisas que articulam literatura e cultura. Os autores defendem duas perspectivas para o comparatista repensar a literatura: a primeira, o confronto entre literatura e para-literatura<sup>3</sup> (literatura oral ou popular ou folclórica), em que mostram, através de exemplos, como o conto, a lenda possibilitam o estudo da passagem ao texto escrito, a passagem de uma criação anônima à de cunho individual, com todas as transformações e alterações implicadas, tendo como ponto de partida a narrativa popular, transformações e alterações tanto da natureza dessas narrativas como da função social e estética; a segunda diz respeito à relação da literatura com as ciências humanas como a História, a Sociologia e a Antropologia, para mostrar como a matéria literária passa do plano das essências ao plano histórico e cultural. Desse modo, caminhou a literatura comparada, em vários continentes, estabelecendo o ideário da supremacia de um sistema literário sobre o outro, sob a perspectiva historicista, sedimentada na concepção científico-causalista, seguida da orientação formalista. Contudo, é possível constatar que esse percurso ganhou vozes, sejam em grupos ou isoladas, combatentes do etnocentrismo, bem como da proposta de politização, ao qual subjazia o princípio de uma literatura universal ou literatura geral a partir de um lugar – o cânone literário europeu (diga-se apenas das potências econômicas). Assim, convém apresentar o desenvolvimento desse campo teórico em outros contextos.

### **A literatura comparada no contexto latino-americano e no Brasil**

Na América Latina, os estudos comparativos tradicionais floresceram e se reafirmaram sob a noção de “dependência cultural”, porém, ao final da década de 70, questões acerca das relações entre as tradições locais e as tradições importadas nesses países, abalam “certezas” sobre a tradição européia, marcando, portanto, os primeiros deslocamentos nesse campo do conhecimento. Fustigados

---

<sup>3</sup> Terminologia inadequada porque repassa a ideia de uma literatura menos valorizada que a literatura erudita.

por categorias como identidade, cultura nacional, minorias, partindo de um *lócus* próprio, pesquisadores latino-americanos provocam mudanças no sentido e objeto da literatura comparada, isto é, centram no local e tomam a obra literária como um produto cultural (não somente estético), vista na sua relação com outras áreas do saber. Essa visão matizada deu lugar a novos estudos comparatistas que, pelo vigor das questões abordadas e pela coerência das concepções não mais dicotômicas, tem levado a um processo de revisão do ideário canônico, da hegemonia das culturas colonizadoras e da problematização mesma das culturas latino-americanas marcadas pelas diferenças, razão porque o diálogo que se impõe é transcultural.

Conforme Coutinho (2003), no processo comparativo, o texto literário segundo passa então a ser considerado responsável pela revitalização do texto primeiro, sendo a relação entre ambos de reciprocidade e a prevalecer o elemento de diferenciação como fruto de um diálogo intertextual. Ora, essa mudança que, diga-se de passagem, teve origem nas vozes dissonantes no próprio contexto europeu, ganhou força no contexto latino, uma vez que, “os termos do sistema hierárquico anterior invertem-se no processo e o texto da cultura dominada acaba por configurar-se como o mais rico dos dois” (COUTINHO, 2003, p. 21).

Contudo, esclarece o citado autor, que a exaltação da diferença pode obscurecer questões importantes, e que somente uma abordagem sob ótica global dá conta das redes de relações dessas diferenças latino-americanas com o sistema de que fazem parte (nos mais variados registros), para investigação do sentido assumido no cômputo geral da tradição literária ocidental.

De acordo com Nitrini (2000), foi nos congressos que as vozes da crítica latino-americana se fizeram ouvir, com destaque para o hispano Guillermo de Torre (já em 1958), para o brasileiro Antonio Candido e o uruguaio Ángel Rama (ambos em 1973) e para a chilena Ana Pizarro (1982), sendo que o labor intelectual dos três últimos deu origem a obras de relevada importância para quem estuda a cultura do continente.

Defendendo a tese de que a independência cultural não descarta a interdependência, Torre afirma que o diálogo da literatura hispano-americana com as demais estabeleceu-se em pé de igualdade, destacando-se, pois, como pioneiro, segundo no estabelecimento de um discurso comparatista fora do eixo europeu.

Para Candido (2000), a vida espiritual do povo brasileiro é regida pela dialética do localismo e do cosmopolitismo de tal modo que, na literatura, aquele se apresenta como substância da expressão e este como forma da expressão, num processo de superação de obstáculos como o sentimento de inferioridade desenvolvido por um país novo na sua relação com a tradição de civilizações antigas, numa espécie de dilaceramento observada desde o séc. XVII. É, portanto, pela análise do processo de constituição da literatura brasileira que insere em seu pensamento crítico a cultura latino-americana, com uma formulação tão bem articulada que constitui-se, na atualidade, um referencial teórico dos mais respeitados pela crítica e pela literatura comparada.

Concebendo a literatura composta de elementos sociais, o autor a analisa como um sistema formado por três elementos – autor, obra, público – nos sentidos da relação sociedade e arte/arte e sociedade que revela o movimento dialético a englobar as duas “num vasto sistema solidário de influências recíprocas” (CANDIDO, 2000, p. 22). Nesse sentido, pela retomada do conceito de influência, considerada por ele inevitável, Antônio Candido analisa a dependência da literatura gerada no atraso cultural do contexto tanto latino como norte americano, tendo como parâmetro a literatura das metrópoles cujo vínculo é placentário.

Entretanto, alcançando resultados originais no plano da realização expressiva, numa materialidade em que a tradição e o novo convivem dialeticamente, o externo se torna interno, numa fase que – sendo de consciência do subdesenvolvimento – é também de aspiração revolucionária, numa aparente contradição ou nas palavras do autor: “Tanto assim, que o reconhecimento da vinculação se associa ao começo da capacidade de inovar no plano da expressão e ao desígnio de lutar no plano do desenvolvimento econômico e político” (CANDIDO, 2006, p. 186).

Afirma, ainda, que fatos como os movimentos estéticos de 1920, de intensa consciência estético-social entre 1930-1940, de crise de desenvolvimento econômico e do experimentalismo técnico mostram que a dependência se encaminha para interdependência cultural de tal modo a fornecer aos escritores da América Latina a consciência da sua unidade na diversidade, cujas obras, maduras e originais, serão assimiladas por outros povos, inclusive pelas metrópoles,

ocasionando uma integração transnacional, pois aquilo que era imitação transforma-se em assimilação recíproca.

Assim sendo, é dessa visão sociológica do autor citado que se origina um referencial teórico comparatista, interdisciplinar, ao reunir Teoria, História e Crítica literárias, do qual “...decorre a concepção de uma *metodologia dos contrários*, em que a reflexão dialética reforça as oposições, permitindo enfocar, simultaneamente, os elementos diferenciais e opositivos” (MASINA, 1999, p. 109).

É bom lembrar de que essa proposta sob a ótica da interdisciplinaridade é datada (década de 70), porém reveste-se de atualidade, na medida em que a literatura brasileira ocupa um lugar indiscutivelmente sólido em um contexto de intensa globalização no sentido norte/sul, portanto é mister mais do que nunca relevar nosso comunitarismo cultural, tendo a modernidade como estratégia discursiva que permite atualização de um vir a ser histórico, situado, realçando nossas diferenças e incorporando a teoria à práxis, para desenvolver mais e mais articulações de caráter comunitário, sem esquecer de que todas as culturas são híbridas (JÚNIOR ABDALA, 2003).

Angel Rama, defensor da integração latino-americana fundada numa identidade cultural comum, formulou uma categoria dialética que considera os processos de modernização, de recuperação do arcaico e do local (vanguarda e regionalismo), como uma transculturação, termo esse tomado emprestado do sociólogo cubano Fernando Ortiz, opondo-se, desse modo, ao conceito de aculturação (absorção de uma cultura por outra). Para Rama, a transculturação é um processo cujos contatos entre culturas diferentes ocorrem num jogo de dominação pelo empreendimento colonial, isto é, no primeiro momento há parcial desculturação, em seguida há incorporação da cultura externa e, finalmente, há neoculturação, ou seja, a articulação dos elementos sobreviventes e os de fora (MASINA, 1999).

Usando os conceitos de sistema literário e o de formação de Antonio Candido, Rama analisou o gênero romance destacando-lhe a liberdade formal e linguística pela invenção da linguagem que acopla o popular ao discurso literário, processo esse efetivado em três níveis: o linguístico, o da estruturação e o da cosmovisão. Tudo isso resulta numa singularidade híbrida que caracteriza a

literatura latino-americana como corolária de uma etnia mestiça ou como afirma o próprio autor:

Em outras palavras, na originalidade da literatura latino-americana está presente, como guia, seu movediço e novelístico anseio internacionalista, que mascara outra mais vigorosa e persistente fonte alimentadora: a peculiaridade cultural desenvolvida no interior, que não foi obra única de suas elites literárias, e sim o esforço ingente de vastas sociedades ao construir suas linguagens simbólicas (RAMA, 2001, p. 241).

Para melhor compreensão do processo de transculturação, pode-se reiterar que:

A utilização inventiva da linguagem através do resgate de falas e modos de expressão regional ou local, a incorporação do imaginário popular, de formas narrativas e temas próprios, o abandono do discurso lógicoracional em favor da incorporação de uma visão mítica – todas essas são operações transculturadoras que, articuladas pelo romancista, resultariam num síntese nova, superando os impasses dessa cicatriz de origem que é nossa condição de países pós-coloniais (AGUIAR; VASCONCELOS, 2004, p.88-89).

Segundo a mesma fonte acima, Rama empenhou-se em oferecer um referencial teórico que explicasse a singularidade da literatura latino-americana, bem como o modo de inserção no sistema cultural mundial, não em posição subalterna e sim em pé de igualdade com seus contemporâneos, portanto podese afirmar que este referencial teórico apresenta-se pertinente na atualidade, constituindo-se uma perspectiva crítica e política, na medida em que extrapola questões culturais.

Nos anos 80, a partir das ideias de Rama e Candido, a autora Ana Pizarro, analisando a especificidade de um continente que, na condição de colonizado, gera literaturas singulares, apresenta três diretrizes para os estudos comparados de âmbito latino-americano assim resumidos por Coutinho (2003): das relações entre literatura latino-americana e as da Europa Ocidental (já verificada no comparatismo tradicional), da relação entre as literaturas nacionais no interior da América Latina e, por última, a da caracterização da heterogeneidade das literaturas nacionais do continente latino-americano.

No primeiro nível de interação, acrescido da América do Norte, a autora propõe questionar a perspectiva unilateral, o estudo das respostas criativas dadas pelas literaturas latino-americanas ao se apropriarem do modelo europeu, o exame das diferenças em relação ao sistema do qual fazem parte e a atuação dessa literatura na de origens europeia e norte-americana, bem como sobre outras, estabelecendo um diálogo em pé de igualdade; no segundo, alerta para a delimitação da área abrangida pelo conceito de América Latina, incluindo o Caribe, baseados em referenciais etnolinguístico, socioeconômico e político, para a unidade na diversidade que caracteriza essa literatura, levando em conta a dinâmica múltipla do *corpus* literário com relação às literaturas das metrópoles colonizadoras, desde a independência até o reconhecimento de conjuntos nacionais ou regionais que vão se encaixando até formar o mosaico que mesmo integrado mantenha a individualidade; no terceiro nível de relação, encontra-se a exigência de reconhecer os registros diferenciados numa mesma literatura nacional, bem como os níveis distintos como o erudito e o popular, sem esquecer do papel da oralidade numa relação de mão dupla (COUTINHO, 2003).

Destaca-se, portanto, nas orientações de Ana Pizarro, um conceito de literatura latino-americana que descarta a ideia de somatório de literaturas, pois numa análise histórica concreta avulta um conjunto plural, móvel, convergente ou contraditório, articulado em nível continental. Cabe a advertência, pois, de que não se repita no continente latino a história de supremacia de uma literatura sobre as outras.

Segundo Nitrini (2000), o que Ana Pizarro propõe é uma releitura da história literária da América Latina que, deixando de lado a concepção positivista de comparação, assume a noção de estrutura literária numa perspectiva histórica, com formulações adequadas para conceitos de identidade, de apropriação e com adoção de um referencial teórico a possibilitar um “comparatismo descolonizado”, contrastivo, capaz de analisar os mecanismos evidenciados nos discursos literários como resposta criativa aos impactos dos modelos metropolitanos na dialética permanente de construção da cultura e sociedade, da civilização.

Pizarro (2004), descrevendo áreas culturais latino-americanas, sob a perspectiva da modernidade tardia, reafirma sua posição otimista quanto à articulação entre os campos literário e cultural, pois, para além do valor estético, aquilo que a cultura

produz (suficientemente importante do ponto de vista individual e social), detém valor econômico com o desenvolvimento das comunicações e indústrias culturais, assim,

[...] os estudos da cultura estão permitindo que avaliemos e nos aproximemos de cenários antigos, atuais e futuros do imaginário que têm a ver com a conservação da biodiversidade, com a preocupação a respeito dos recursos naturais não-renováveis, com as tensões internacionais concernentes à proteção da vida. Todos esses elementos fazem com que os estudos da cultura deixem de lado a concepção elitista do começo do século XX para incorporar-se às grandes mudanças, que deverão precisar os instrumentos de análise condizentes, para situá-la não mais como um adorno que cai bem ou como um setor da atividade social, ainda que mostre a sensibilidade dos organizadores, mas como um elemento estrutural da organização da sociedade, o nexa que lhe confere coesão e que necessita estar no centro das políticas públicas (PIZARRO, 2004, p.34-35).

É pertinente reconhecer que “É na captação das especificidades das diversas Literaturas Latino-Americanas e no olhar lançado sobre a tradição literária do continente, que o comparatismo adquire sentido...” (COUTINHO, 2003, p.26). Como consequência, tem-se uma redefinição no objeto da literatura comparada, isto é, pode-se ultrapassar o estudo mecânico de fontes e influências, para uma abordagem do fenômeno literário relevando o diálogo de culturas.

Com relação ao histórico da literatura comparada no Brasil, importa considerar que o entrelaçamento do seu percurso com a história da literatura brasileira se dá na medida do esforço de intelectuais e escritores para com o processo de formação de uma literatura nacional cuja expressão fosse a nossa identidade, logo seu início ocorre no interior da atividade crítica literária antes mesmo de constituir-se um campo teórico.

Segundo Bittencourt (1996), Tobias Barreto, em 1886, não só abriu um curso como publicou ensaios críticos que pretendia reunir sob o título *Traços de Literatura Comparada do Século XIX*, fato que só aconteceu posteriormente na edição de *Estudos Alemães*, em 1892. Se aquele revela no conceito de literatura uma tendência ao comparatismo tradicional vigente no continente europeu, João Ribeiro, propõe orientação diferente, com a obra *Página de Estética*, em 1905, não somente ao encarar a literatura comparada como crítica histórica, mas também ao

optar pela análise da produção cultural nas suas relações entre a literatura erudita e a literatura popular.

Otto Maria Carpeaux, Eugênio Gomes e Augusto Meyer também excursionaram pelos estudos comparatistas em que os intermediários, as fontes, as influências, constituíram-se perspectivas das análises realizadas. Foi nas universidades de São Paulo e Rio de Janeiro, na década de 30, que a literatura comparada se institucionalizou como disciplina acadêmica e deu origem ao primeiro manual teórico, de Tasso Silveira, em 1964. Cabe lembrar Fidelino de Figueiredo com a publicação, nos anos 50, de um ensaio sobre Shakespeare e Garrett, na Revista da Universidade de São Paulo. Tomando maior impulso em cursos de pós-graduação, a partir dos anos 70, a literatura comparada também desperta interesse nas disciplinas de literaturas estrangeiras contexto onde foi concebido o projeto Léryy-Assu dirigido por Leyla Perrone-Moisés (1978), posteriormente denominado Núcleo de Pesquisa Brasil-França, em que pesquisadores se debruçaram sobre a influência francesa em nosso país. Merece destaque o autor Antonio Candido, não somente pela atividade docente que exerceu, mas, principalmente, pelos textos que escreveu, sobretudo a antológica obra *Formação da Literatura Brasileira – Momentos Decisivos*, publicada em 1957, em que apresenta um método analítico que integra os fatos estético e histórico. Considerada um divisor da história da literatura comparada no Brasil, nela o autor revela seu discurso extremamente crítico com relação à condição de país colonizado que, num processo dialético de tensão entre o dado local e o modelo universal, possui uma produção literária peculiar em que o interno se torna externo, revelando os fortes vínculos com a nação e com a cultura na sua interação com o mundo.

Segundo Nitrini (2000), embora Antonio Cândido não explicita que objetiva oferecer um referencial teórico de cunho comparatista, os pressupostos e o instrumental de análise constituem-se:

[...] sólido discurso histórico, crítico e comparatista que responde aos anseios da intelectualidade latino-americana dessa época, manipulando conceitos inseridos na crítica tradicional tão questionados por aquela, sem perder sua atualidade em plena década de 1990, apesar de sua perspectiva, aparentemente, linear da história (NITRINI, 2000, p. 197).

A reflexão de Antonio Candido acerca da categoria influência a liberou da ideia de causalidade mecânica, razão por que enquanto instrumentalização permanece atual e pertinente para o estudo da literatura comparada pós-colonial tanto brasileira como latino-americana e ainda,

[...] sua concepção de uma crítica integrativa, o movimento dialético de seu pensamento, sua prática de análise concreta do texto, sua concepção de literatura como sistema, sua visão da relação entre literatura e sociedade levaram-no a redimensionar a instrumentalização do problemático conceito de influência, dotando-o de novos influxos semânticos e inserindo-o num discurso crítico marcado por um estilo inconfundível, no qual se aliam simplicidade de expressão e complexidade de pensamento (NITRINI, 2000, p. 210).

É desse lugar que o citado autor reflete acerca das relações interliterárias Brasil/Europa, bem como sobre as relações da literatura brasileira no contexto latino-americano, isto é:

Para o crítico a natureza dessas relações transcende o meramente literário por incluir motivações também de ordem político-ideológica, pois antes de tudo é preciso buscar uma união entre as nações para nos fortalecer como um conjunto onde coexistam idéias harmônicas e contrastantes (BITTENCOURT, 1996, p. 40).

É mister considerar, por fim, que outros intelectuais como Silviano Santiago, Haroldo de Campos, Roberto Schwarz, na esteira do pensamento de Antonio Candido, contribuíram com esse campo do conhecimento, ao escreverem obras que tratam da literatura e da cultura num sentido mais amplo, na relação com outros países. Tânia Carvalhal, Eduardo Coutinho e Sandra Nitrini, com suas obras, igualmente, oferecem referencial consistente na medida em que trazem reflexões sobre o percurso histórico e teórico desse campo de estudos, ao mesmo tempo em que defendem um comparatismo que não esteja apenas a serviço das literaturas nacionais, mas que colabore de forma decisiva para a história das formas literárias.

## **Considerações finais**

O presente artigo objetivou a contextualização dos estudos comparados em suas origens e evolução, assim como a caracterização enquanto campo teórico do conhecimento que revela não somente questões acerca da criação literária, como faz emergir do relacionamento de culturas de países diferentes ou no interior de um mesmo país, questões políticas e ideológicas que subjazem ao jogo de poder que regem as nações no mundo.

Institucionalmente, o amadurecimento da literatura comparada se deu também com a criação da Associação Brasileira de Literatura Comparada, em 1986, que passou a realizar congressos de dois em dois anos, quando são apresentadas dissertações e teses dos programas de pós-graduação ao lado do velho debate sobre concepção, objeto e seu lugar no Brasil.

Assim sendo, a pergunta feita no início - o que é literatura comparada? – e o que move o cogitar nesse campo do conhecimento não encontra respostas que não sejam transitórias, sempre orientadas pelas mudanças da realidade cultural. Porém, não se discute a eficácia dos estudos comparados, ao contrário, conclui-se, pelo histórico aqui delineado, que oferecem referencial teórico e metodológico pertinentes quando o assunto é literatura, seja a erudita seja a de origem popular.

## LITERATURE IN THE PERSPECTIVE OF COMPARATIVE LOOKS

**ABSTRACT:** The purpose of this paper is to describe the theoretical field of comparative literature in an approach of the nature, object and method that characterize them, taking into account bibliographic references of foreign authors as well as Brazilian authors do. In order to do so, we analyze terms such as influence, dependence, literary system, including them in the Latin American context, including Brazil, from the studies of Antonio Candido, Angel Rama and Ana Pizarro, that have re-dimensioned the relations between culture and Literature, giving it new contours in extrapolating the aesthetic dimension of the literary work, reason why this field of knowledge opens up wide possibilities for literary research, in an integrative perspective, by revealing the political and ideological issues that underlie it.

**KEY WORDS:** Literature. Influence. Comparative studies.

## Referências

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *De vãos e ilhas: Literatura e Comunitarismos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. O conceito de transculturação na obra de Angel Rama. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin (org.). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004, p.87-97.
- BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *A Literatura Comparada no Brasil*. Revista Organon, Porto Alegre, v. 10, n. 24,1996, p. 35-42.
- CANDIDO. Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000, p. 22.
- \_\_\_\_\_. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CARVALHAL. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 2006
- COUTINHO, Eduardo F. *Literatura Comparada na América Latina: ensaios*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.
- COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- ETIEMBLE, René. Crise da literatura comparada? Tradução Lúcia Sá Rabelo. In: COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tânia Franco (orgs.). *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 191-198.
- GUILLÉN, Cláudio. A estética do estudo de influências em literatura comparada. Tradução Ruth Persice Nogueira. In: COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tânia Franco (orgs.). *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 157-174.
- MACHADO, Álvaro Manuel e PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- MASINA, Lea. Três visões críticas sobre a América Latina: Antonio Cândido, Angel Rama e Antonio Cornejo Polar. In: CARVALHAL, Tânia Franco (org.). *Culturas, Contextos e Discursos: limiares críticos no comparatismo*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999, p. 107-115.
- NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e prática*. São Paulo: Edusp,2000.
- ZIRMUNSKY, Victor M. Sobre o estudo da literatura comparada. Tradução Ruth Persice Nogueira. In: COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tânia Franco (orgs.). *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 199-214.

PICHOIS, Claude e ROUSSEAU, André-Michel. Para uma definição de literatura comparada. Tradução Sérgio Rubens B. de Almeida. In: COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tânia Franco (orgs.). *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 215-218.

PIZARRO, Ana. Áreas culturais na modernidade tardia. Tradução de Maria Cláudia Galera. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin (org.). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004, p.21-35.

RAMA, Angel. Literatura e Cultura. Tradução Rachel La Corte dos Santos e Elza Gasparotto. In: AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Gardini T. (Orgs.). *Angel Rama: literatura e cultura na América Latina*. São Paulo: Edusp, 2001, p. 239-280.

WELLEK, René. O nome e a natureza da literatura comparada. Tradução Marta de Senna. In: COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tânia Franco (orgs.) *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 120-148.

Data de Submissão: 12/03/17

Data de Aprovação: 06/05/17